

humanitas

Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



O ANONIMATO DOS BRAVOS DE SALAMINA NOS *PERSAS* DE ÉSQUILO *

A consciência que os Gregos tinham de que a sua liberdade contrastava com o servilismo dos outros povos despoticamente governados é posta em foco de forma muito especial na tragédia *Os Persas* de Ésquilo.

Na opinião de Bowra (1), os Helenos sentiam-se diferentes da restante humanidade, por não estarem sujeitos nem à dominação estrangeira nem a soberanos irresponsáveis e prepotentes.

Ora, na referida tragédia, deparamos com exemplos bem marcantes desta distinção. Assim, é óbvio que, por meio do Sonho de Atossa (vv. 181-196) (2), quis Ésquilo significar que a Grécia jamais poderia suportar o jugo estrangeiro. Por outro lado, a irresponsabilidade do déspota transparece das palavras da própria mãe de Xerxes (v. 212): «Se a sorte lhe for adversa, ele não tem que dar contas à cidade» (3). Além disso, quando (v. 241), acostumada à prepotência

(*) Comunicação apresentada à Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em sessão de 15.XII.1969.

(1) *The Greek Experience*, London, 1957, p. 14.

(2) Sonho de Atossa:

«Pareceu-me ver avançar diante dos meus olhos duas mulheres belamente vestidas, uma enfeitada com vestes persas, a outra, pelo contrário, com vestes dóricas, ultrapassando de longe as mulheres dos nossos dias tanto em tamanho como em beleza perfeita e ambas irmãs do mesmo sangue. Habitavam cada uma a sua pátria, tendo obtido em sorte uma a terra grega, a outra, a terra bárbara. Conforme julguei ver, travavam entre si uma querela. O meu filho, tendo disso conhecimento, seguira-as e acalmava-as. Atrela-as ao seu carro e põe-lhes a correia do jugo na cerviz. Uma pavoneava-se com os arreios e conservava a boca dócil nas rédeas, mas a outra debatia-se. Com as mãos despedaça os arreios do carro e arrasta-o à força e, sacudindo o freio, parte o jugo em dois.»

(3) Palavras semelhantes dirigem ao rei argivo Pelasgo as mulheres egípcias que constituem o coro de *As Suplicantes* de Ésquilo, ao equipararem erroneamente

dos monarcas orientais, a rainha-mãe, pretendendo informar-se a respeito dos inimigos, pergunta «Que chefe lhes está acima e domina o povo (o exército)(1)?», o coro reflectindo a mentalidade grega, aponta, com a sua resposta, o critério básico de distinção entre os Helenos e a barbárie: «Eles não se consideram escravos nem sujeitos a ninguém».

Os Gregos tinham por aviltante a submissão a um déspota, porque, de acordo com as suas concepções, só merecia o nome de Homem quem fosse livre, noção que já se encontra nos Poemas Homéricos: «Zeus retira ao homem metade do seu valor, no dia em que a escravidão dele se apodera» (ϑ, 322-323).

A contrastar profundamente com a sujeição degradante a um autocrata, encontramos como norma helénica a obediência à Lei, que, no dizer de Bowra, constituía «uma garantia de liberdade» (2). É interessante recordar, a este propósito, as palavras que, segundo a narrativa de Heródoto, o rei espartano Demarato teria dirigido a Xerxes: «Porque embora livres, não são livres em tudo; acima deles, há um senhor, a Lei, que eles receiam muito mais do que os teus súbditos te temem a ti.» Foi em nome dessa mesma lei que Sócrates recusou evadir-se da prisão, aceitando corajosamente a morte.

Só assim é possível explicar a *polis*, fenómeno único na História, criação tipicamente grega. Numa comunidade deste tipo que, alicerçada na observância da Lei, não estava à mercê dos caprichos de um déspota, cada qual valia pelo seu próprio mérito e era responsabilizado pelos seus actos. Assim é que, na oração fúnebre que Tucídides (2.34) põe na boca de Péricles, encontramos a noção de que «não é cada um honrado pelo seu cargo, mas pelo seu valor». E é sabido que a actuação dos magistrados atenienses costumava ser julgada ao fim de um ano

a organização política grega à da sua terra natal (vv. 370-373): «Tu és a cidade / tu és o povo / pois és um senhor / a nenhum juízo sujeito.»

Em contrapartida, Pelasgo dissera (v. 369): «Eu não cumpriria uma promessa, sem ter informado todos os cidadãos».

(1) Um esclarecimento é devido a propósito da tradução da palavra *στρατός*. Broadhead (*The Persae of Aeschylus*, Cambridge, 1960, pp. 92-93) entende que o termo pode significar, a um tempo, *povo* e *exército*, baseado em que Atossa, que imagina o regime político ateniense em moldes persas, deve pensar que o chefe do exército seria o próprio governante supremo do povo.

(2) *Op. cit.*, p. 66.

de actividade, podendo suceder que um estratega, cuja conduta fosse censurada, não passasse em futuras batalhas de simples soldado. Sem a Lei, que a um tempo balizava e assegurava a liberdade dos cidadãos, não poderia a *polis* ter existido.

«Não é *polis* a que for de um só homem» afirma Hémon na *Antígona* de Sófocles (1). Muito menos seria *polis*, se esse homem fosse um déspota que oprimia o povo, dominando-o pela violência. Xerxes é por Ésquilo várias vezes apelidado de *θούριος* (2) e, em Heródoto, podemos encontrar a confirmação deste traço temperamental do Grande Rei (3). Neste contexto adquirem significado relevante os vv. 592-594: «Um povo pode falar livremente / quando foi desatado o jugo da força». O sentimento de medo que a figura do soberano inspirava aos súbditos está patente na cena em que o coro dos Fiéis, perante o espectro de Dario, fica repassado de terror, não por reear essa visão sobrenatural, mas por temer o próprio rei em si, conforme declara nos vv. 694-696: «Temo olhar para ti, / temo falar-te face a face, / por causa do medo que dantes tinha de ti.»

A submissão, que esse temor provocava, traduzia-se no hábito oriental da *προσκύνησις*, que visceralmente repugnava aos Gregos, porque não era livre. O coro dos conselheiros do rei prosterna-se não só perante o espectro de Dario, mas também diante de Atossa e, nos vv. 585-590, afirma que, devido à derrota de Xerxes, ninguém mais se rojará a seus pés.

Sabemos que tais monarcas, a quem todos obedeciam cegamente (cf. v. 375) eram adorados pelos seus súbditos como se fossem deuses. *Θεός, ἰσόθεος, ὡς θεός, θεομήτωρ, δαίμων, ἰσοδαίμων* são expressões que traduzem tal veneração e com que deparamos, a cada passo, na leitura de *Os Persas*. Para Broadhead esta profusão de títulos constitui uma prova evidente do servilismo bárbaro. Dario é chamado *ἄναξ* e Atossa *ἄνασσα*, termos que os Gregos, conhecedores das limitações humanas, costumavam reservar às divindades. Os próprios soberanos persas acreditavam na origem divina do poder real, conforme podemos inferir dos vv. 762-763 desta tragédia, quando da boca de Dario saem estas palavras: «desde que o senhor Zeus deu a *um só*

(1) V. 737.

(2) Vv. 73, 718, 754.

(3) E.g. VII, 35, 39, 54.

homem o privilégio de imperar sobre toda a Ásia.» Convém precisar que tais déspotas não se limitavam a dominar todo o seu império, mas que chegavam ao ponto de o encarnarem em si — interpretação que Max Pohlenz (1) dá ao v. 83, no qual se diz que Xerxes avançou para a batalha «com muitas mãos e com muitos navios».

Por várias formas soube o poeta fazer realçar a simplicidade helénica contrapondo-a ao luxuoso fausto persa. Esse aparato bárbaro não se limita à pomposa ostentação de títulos — materializa-se também no vestuário. No sonho de Atossa nota Helen Bacon (2) essa oposição entre a civilização grega e a barbárie no contraste intencionalmente marcado pelo poeta entre o *πέπλος* dórico inconsútil e de lã e o *χιτών* persa drapejado, com mangas, e feito de linho. Ésquilo, a quem sempre o exótico seduziu, compraz-se em descrever o traje real, não se esquecendo de referir «a babucha cor de açafão» e «o botão da tiara». E a descrição do tragediógrafo atinge as raias do grotesco no momento em que o coro imagina os chefes bárbaros a vogarem ao sabor das ondas, sustentados por suas pomposas vestes (vv. 274-277).

Por ter Ésquilo imbuído magistralmente esta sua obra da exótica sumptuosidade oriental, não nos surpreendem as três longas listas de nomes de comandantes persas que apresenta (3). O que causa estranheza é a ausência total de nomes gregos.

Ao lermos Heródoto, que, no livro VIII, trata da mesma matéria histórica que inspirou Ésquilo — a batalha naval de Salamina — vemos que o historiador refere nomes de generais e de guerreiros não só persas, mas também gregos. E embora seja nossa convicção de que só indirectamente pode esta tragédia ser considerada como um canto em louvor do povo helénico, não deixa de impressionar o facto de não ser citado, entre outros, o nome de Temístocles, apesar de ser referido o seu célebre stratagem.

(1) *Die griechische Tragödie*, I, Göttingen, 1954, p. 60.

(2) *Barbarians in Greek Tragedy*, New Haven, Yale University Press, 1961, p. 27.

(3) Helen Bacon (*op. cit.*, p. 23) dá-nos a preciosa informação de que dos quarenta e nove nomes apresentados só dez deviam ser genuinamente persas. Os outros foram provavelmente forjados por Ésquilo, para deste modo obter uma consonância exótica muito do seu agrado.

Por que razão terá o poeta mantido no anonimato os bravos de Salamina? Somos de opinião que, ao ocultar a identidade dos combatentes de Salamina, enquanto, por outro lado, enchia os ouvidos da assistência com a ressonância pomposa dos nomes dos comandantes persas, teve Ésquilo a intenção de assinalar a distância abissal entre a democracia grega e a prepotência dos chefes bárbaros.

Quando, no v. 355, conta que *um homem* do exército ateniense foi comunicar a Xerxes que os Gregos preparavam uma retirada pela calada da noite, o poeta não indica o nome desse porta-voz nem sequer o do autor do stratagema. Sabemos por Heródoto (VIII, 75) que o primeiro era Sicino, escravo pedagogo dos filhos de Temístocles, e que o autor do ardiloso plano fora este mesmo estratega ateniense.

Quando, no v. 409, Ésquilo descreve, pela boca do mensageiro, o abalroamento dos navios persas, omite o nome de quem iniciou este tipo de combate: segundo Heródoto (VIII, 84) tratar-se-ia de Amínias de Palene que uma tradição duvidosa considerava como irmão do próprio Ésquilo (1). Ora, este varão ilustre recebeu mesmo um louvor (2) especial, devido à sua acção notável na referida batalha.

São, portanto, nomes de varões deste jaez que Ésquilo propositadamente omite, apagando por completo a acção individual grega em Salamina, como convinha numa tragédia que, acima de tudo, se destinava a escarpelizar a *ὄβρις* de Xerxes e as suas trágicas consequências. Numa peça de índole acentuadamente religiosa como esta, interessava demonstrar que tanto o Grande Rei — que ousara atravessar o Helesponto, pondo um jugo a Posídon — como os soldados persas — que tinham desrespeitado os templos gregos — recebiam dos deuses a punição da sua insolência, ao serem derrotados pelos Gregos em Salamina.

Parece-nos pertinente confrontar a interpretação do tragediógrafo com a informação que colhemos em Heródoto (VIII, 109, 3) de que

(1) Broadhead (*op. cit.*, p. 125) não aceita esta identificação, pois o *demos* de Ésquilo era o de Elêusis e não o de Palene.

(2) Outro galardão não esperavam os Gregos a não ser um louvor, enquanto os Persas recebiam recompensas materiais e podiam até ser feitos *orosangas*, tendo, por isso, lutado com maior ardor em Salamina do que em Eubeia, por estarem em presença do rei.

o próprio Temístocles atribuía a vitória de Salamina aos deuses e aos heróis tutelares da região.

Preciosa achega para esta questão nos deu a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira ao sugerir-nos um cotejo com o fresco comemorativo da batalha de Maratona na *Stoa Poikile*, que reservava um lugar de relevo aos deuses, deixando os homens quase no esquecimento, segundo informação de Pausânias (I, 15,3).

Ocorre, por fim, indagar: mas quem seriam, afinal, esses guerreiros de Salamina? A resposta afigura-se-nos simples: Gregos de toda a Grécia e de todas as classes.

Embora seja tradicional atribuir a vitória de Salamina aos Atenienses — assim como a de Plateias aos Espartanos — não podemos, no entanto, esquecer que as cidades de toda a Grécia se ergueram em armas perante a ameaça persa. O próprio Ésquilo, que de onde em onde se refere a Atenas, fala quase sempre dos *Iónios*, nome pelo qual pretende designar os Gregos em geral. Heródoto informa mesmo que foram os Eginetas quem maiores elogios recebeu pelo denodo demonstrado na batalha.

Com segurança podemos afirmar que todas as classes participaram nesta batalha naval, pois exceptuando os escravos, que, como informa Stanford (1) no comentário ao v. 693 de *As Rãs* de Aristófanes, apenas teriam participado na batalha das ilhas Arginusas, todas as classes costumavam ser alistadas. E embora Kitto (2) entenda que é mera propaganda sublinhar a acção dos remadores no combate naval de Salamina e a dos hoplitas, que completaram a vitória na ilhota de Psitalia, o que está fora de dúvida é que, sem a cooperação destas classes, não teriam os Gregos conseguido derrotar o inimigo.

O mais vivo anseio de sacudir o jugo persa e de arrancar a Grécia às garras de um déspota bárbaro reflecte-se nos vv. 402-405, em que o mensageiro descreve o grito de guerra dos Gregos: «Ide, filhos da Grécia, libertai a pátria, libertai a vossa prole, as vossas mulheres, os santuários dos deuses dos vossos antepassados e os túmulos dos vossos maiores: é chegada a hora suprema». Broadhead (3), baseado em vários textos comprovativos, chegou à conclusão de que estes versos não são

(1) *Aristophanes, The Frogs*, London, 1958.

(2) *Greek Tragedy*, Methuen & Co, London, 1961, p. 37.

(3) *Op. cit.*, p. 124.

uma exortação proferida por um comandante, mas sim um *péan* entoado por todos os soldados, o que vem reforçar o nosso ponto de vista de que a vitória de Salamina foi sentida como a vitória de todo o povo helénico sobre a barbárie (1) e de que essa foi a razão que levou o poeta a omitir os nomes dos bravos de Salamina.

Os Gregos anónimos mas livres vencem um déspota que só consegue salvar da batalha o símbolo da realeza persa: um carcás ... vazio!

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

(1) Kitto admite que as representações escultóricas da Gigantomaquia nos pedimentos dos templos helénicos mais não seriam do que a forma simbólica de representar a vitória dos Gregos sobre o despotismo (*The Greeks*, Penguin Books, 1951, p. 115).